

## **Tradução**

### **Teses de magia<sup>1</sup>**

#### Theses de magia

*Marco Pasi*<sup>2</sup>

Tradução de *Emmanuel Ramalho*<sup>3</sup>

Durante a primeira conferência da *Societas Magica*, realizada em junho passado<sup>4</sup> na Universidade de Waterloo, apresentei as seguintes teses como uma culminação do meu artigo sobre o antropólogo e historiador das religiões italiano Ernesto de Martino (1908-1965). O artigo explorou alguns problemas metodológicos relacionados com o estudo histórico da magia que poderiam ser destacados através de um exame da obra de De Martino. As teses tinham o propósito de ser uma maneira de resumir meus pensamentos teóricos e metodológicos no estudo de magia com base em minha leitura de De Martino. Elas são, portanto, fortemente influenciadas por suas ideias, especialmente no que diz respeito ao conceito de “polêmica antimágica” como uma característica fundamental da cultura ocidental.

“Teses de magia” é, obviamente, uma referência astuta à obra de Giordano Bruno sobre magia que traz o mesmo nome. Durante a discussão que se seguiu ao meu artigo, alguém sugeriu que eu também poderia tê-lo chamado “*Conclusiones*”, em referência aos famosos 900 artigos de Pico della Mirandola (apenas vinte e seis dos quais eram, de fato, especificamente dedicados à magia).

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente em: PASI, Marco. Theses de Magia. *Societas Magica Newsletter*, v. 20, 2008, p. 1-8. Agradecemos a gentileza de David Porreca e Claire Fanger, da revista *Societas Magica*, que nos autorizaram a publicação desta tradução.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências das Religiões pela *École Pratique des Hautes Études* (Sorbonne, Paris), Professor Associado em História da Filosofia Hermética e Correntes Afins na Universidade de Amsterdã e Secretário-Geral da Associação Europeia para o Estudo das Religiões.

<sup>3</sup> Doutorando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

<sup>4</sup> Nota de tradução (N. T.): Conferência intitulada “*Magic: Frontiers and Boundaries*”, realizada em 2008.

Eu pensei, no entanto, que meu objetivo não era realmente de apresentar "conclusões", mas sim "pontos de partida" para uma discussão entre especialistas no estudo de magia.

Bruno escreveu cinquenta e seis "teses"; eu me contentei com dez. Foram nove quando as apresentei em Waterloo, mas eu decidi adicionar outra para fazer meu argumento mais evidente e completo. No entanto, eu comecei a numeração a partir de 0, então a última ainda será número 9. Cada tese é seguida por um certo número de subteses que devem ilustrar e explicar o ponto principal. Alguns dos argumentos discutidos aqui já tinham sido apresentados, mas não tão sistematicamente, em minha tese de doutorado, *La notion de magie dans le courant occultiste en Angleterre (1875-1947)*, defendida em 2004 na *École Pratique des Hautes Études*, Paris. Um resumo da tese apareceu no boletim de notícias da *Societas Magica* (v. 13, Inverno de 2005), mas a própria tese ainda não foi publicada.

Sendo dolorosamente consciente de que uma bibliografia séria sobre magia atingiria proporções monstruosas, eu limitei minhas referências bibliográficas aqui ao essencial.

Por fim, eu não faço qualquer reivindicação de originalidade com as minhas "teses". A maioria dos pontos que apresento vai parecer quase trivial para alguns leitores, enquanto que alguns desses pontos talvez sejam vistos como mais problemáticos ou controversos. O que estou apresentando aqui é, em parte, uma precipitação de ideias que têm sido bastante comuns na pesquisa acadêmica recente sobre magia e, em parte, uma recapitulação das minhas próprias reflexões teóricas sobre o estudo de magia, as quais têm ocupado minha mente nos últimos dez anos.

0. *O estudo de magia não é a mesma coisa que o estudo do conceito de magia.*

0.1. Deve-se sempre ser cauteloso com trabalhos que pretendem estudar "magia" como tal. Nestes trabalhos, a magia é muitas vezes apresentada como um objeto cuja existência já é tida como certa, pois é facilmente discernível no tecido da história, e a sua identidade pode ser descrita por meio de uma definição

simples<sup>5</sup>. No entanto, não há história significativa da magia sem uma problematização histórica do conceito de magia. Sem essa problematização, as formas complexas em que o conceito - ou melhor, os conceitos - de magia tomaram forma e se transformaram na história são obscurecidos em vez de esclarecidos.

0.2. O estudo de magia deveria começar com essa problematização histórica do conceito de magia, mas não deve terminar aí. É essencial entender o que as pessoas queriam dizer com "magia" em diferentes períodos históricos, mas o estudo de magia não pode ser realizado apenas a partir da perspectiva da história intelectual. Deve, obviamente, também incluir um estudo das práticas, dos comportamentos sociais e das crenças que têm sido historicamente associadas com o conceito de magia<sup>6</sup>.

*1. Magia é um conceito ocidental. Estudar a história da magia significa estudar a história da cultura ocidental.*

1.1. Ninguém contesta o fato de que o conceito de magia, não importa como se a entenda ou defina, teve origem e desenvolvimento na cultura ocidental, assim como seu conceito ideologicamente cognato de religião. Isso continua a ser verdade independentemente de quão amplamente (ou estreitamente) queremos definir o espaço cultural e geográfico do "Ocidente". Etimologicamente, a palavra deriva de uma classe especial de sacerdotes persas (um elemento étnico provavelmente estava envolvido no termo), cujo nome foi traduzido em grego antigo como "*magoi*". É na Grécia antiga que, a partir deste substantivo, o termo "*mageia*" foi derivado e que serviu cada vez mais para identificar não o que uma pessoa era (e, portanto, sua origem étnica ou função social), mas o que uma pessoa fazia. Ao identificar "*mageia*" com um determinado

---

<sup>5</sup> Mesmo grandes clássicos como *History of Magic and Experimental Science* de Lynn Thorndike (8 vv., Nova York: Columbia University Press, 1923-1958), não estão isentos deste problema.

<sup>6</sup> Um exemplo de uma abordagem sofisticada que combina a problematização histórica do conceito com um estudo de tais fenômenos "integrados" associados com ele em um determinado período é *Magic in the Middle Ages* de Richard Kieckhefer (Cambridge: Cambridge University Press, 1989).

conjunto de práticas e comportamentos, o processo de conceituação da magia na cultura ocidental começou<sup>7</sup>. A história subsequente do conceito inclui, naturalmente, muitos desenvolvimentos complexos, que acontecem nas culturas gregas, romanas e outras culturas do Mediterrâneo, e em todas as três religiões monoteístas do Mediterrâneo, judaísmo, cristianismo e islamismo. Todos estes desenvolvimentos pertencem à mesma história cultural por meio de influências mútuas, que podem ser exploradas e compreendidas historicamente.

1.2. A segunda sentença pode ser lida apenas como um corolário da primeira, mas o seu significado vai além de uma simples extensão da mesma. Na verdade, ela é destinada a enfatizar a importância do estudo de magia para a compreensão das maneiras em que a cultura ocidental tem moldado sua própria identidade. Mais sobre isso será explicado no ponto 5.

*2. O estudo acadêmico de magia só pode se desenvolver através de uma consciência histórica completa das origens e desenvolvimento deste conceito. Isto significa contextualizar as maneiras em que este conceito tem sido usado no passado, tanto no nívelêmico quanto no ético.*

2.1. O estudo histórico de um conceito, ou de um conjunto de conceitos, pode ser realizado apenas dentro de um amplo estudo da cultura na qual esse conceito, ou conjunto de conceitos, se originou e se desenvolveu. A magia tem sido consistentemente uma presença problemática na cultura ocidental. É essencial entender por que ela assim tem sido. A fim de fazer isso, é importante estudar as funções sociais, políticas, religiosas e, em geral, ideológicas que a magia tem cumprido na cultura ocidental. Processos de exclusão e de construção

---

<sup>7</sup> Sobre a formação do conceito de magia na Grécia antiga ver a obra de Fritz Graf, *Magic in the Ancient World* (Cambridge: Harvard University Press, 1999); Walter Burkert, *Da Omero ai Magi. La Tradizione orientale nella cultura Greca* (Veneza: Marsilio, 1999) (até onde sei não há nenhuma edição em Inglês deste livro); Matthew Dickie, *Magic and Magicians in the Greco-Roman World* (Londres/Nova York: Routledge, 2001). Sobre a percepção dos *magoi* persas na cultura grega, consulte a obra de Albert de Jong, *Traditions of the Magi. Zoroastrianism in the Greek and Latin Literature* (Leiden/Nova York/Köln: Brill, 1997).

de identidades têm sido possíveis através do uso da magia como uma categoria específica<sup>8</sup>.

2.2. Estes processos ocorreram não só entre os crentes e os opositores da magia, mas também entre os acadêmicos estudando-a. Quando tomamos consciência das distorções ideológicas que podem se esconder atrás de definições acadêmicas de magia, entendemos que essas definições pertencem também à história do conceito de magia, e não a transcende. Como acadêmicos, podemos nos tornar conscientes dessas distorções – e começar a tentar evitá-las – somente quando temos um conhecimento histórico suficiente das funções ideológicas e dos processos sociais mencionados no 2.1<sup>9</sup>.

*3. Magia não é um único objeto, mas um complexo de fenômenos históricos que são constantemente modificados pelos processos históricos em que passam.*

3.1. O maior problema na tentativa de dar uma definição simples de magia aplicável para qualquer situação histórica é que o conceito de magia tem sido usado historicamente de maneiras diferentes, a fim de executar funções diferentes dependendo do contexto histórico. Se a magia tem sido utilizada a fim de levar a cabo processos de exclusão (por exemplo, de certas práticas, crenças ou grupos sociais), o objeto destas exclusões tem variado no tempo e no espaço. Têm acontecido tantas mudanças epistemológicas e rupturas na história da

---

<sup>8</sup> A importância geral de uma consciência histórica e contextualização das ferramentas conceituais usadas por acadêmicos, especialmente quando se lida com categorias problemáticas como a magia, é enfatizada por Ernesto de Martino em todas as suas obras, e que está em consonância com a tradição historicista particular à qual ele pertencia. Bastará referir aqui a obra de de Martino que é mais relevante para o nosso propósito: *Magia e civiltà* (Milão: Garzanti, 1962). Mais recentemente, um chamado semelhante a uma consciência histórica das origens do conceito de magia também foi feita, entre outros, por Randall Styers em sua obra fundamental *Making Magic. Religion, Magic and Science in the Modern World* (Oxford/Nova York: Oxford University Press, 2004). No entanto, enquanto Styers foca apenas no período moderno, a discussão de de Martino toma em consideração toda a história da cultura ocidental.

<sup>9</sup> Mais uma vez, de Martino, *Magia e civiltà* e Styers, *Making Magic* são essenciais aqui. Ambos mostram até que ponto as teorias e as definições de magia que foram dadas por acadêmicos nos últimos cento e cinquenta anos expressam com frequência pressupostos ideológicos cuja origem última pode ser encontrada nos discursos teológicos sobre magia.

cultura ocidental que é difícil imaginar uma única definição sendo capaz de apreender um fenômeno tão complexo.

4. *No entanto, esta complexidade apresenta alguns aspectos de continuidade e consistência que têm de ser determinados e estudados.*

4.1. Se a nossa problematização histórica do conceito de magia torna evidente que a magia não é um único, elementar objeto que pode ser facilmente definido, nós acabamos chegando a uma desconstrução integral que faz a magia se dissolver por completo? Não deveria existir uma *pars construens* após uma *pars destruens* da problematização histórica? Como dito acima (0.2), o estudo da magia não pode ser apenas intelectual, isto é, limitado ao estudo dos diferentes conceitos históricos relacionados à magia, deveria também incluir aspectos como práticas e crenças. Mas mesmo isso não seria suficiente. O estudo de magia também deve ter a ambição de identificar padrões e continuidades, o que só pode fazer de uma "história da magia" um projeto significativo a princípio<sup>10</sup>.

5. *A história da magia na cultura ocidental, e talvez até a cultura ocidental como um todo, não pode ser plenamente compreendida se o fenômeno da polêmica antimágica não for levado em conta e investigado em profundidade.*

5.1. Alguns autores têm sugerido que pelo menos um padrão na história da magia existe, e que é o fenômeno da "polêmica antimágica". A magia nasceu na Grécia antiga como um termo com tons polêmicos, e o estigma associado à palavra tem sido uma característica permanente de sua história subsequente<sup>11</sup>.

5.2. Em sua história, a cultura ocidental tem consistentemente usado a magia como um espaço conceitual onde são jogadas ideias, crenças,

---

<sup>10</sup> Este é talvez o ponto fraco de *Making Magic*, de Styers. Ele faz uma desconstrução saudável do termo "magia", mas parece deixar o assunto assim. Uma vez que sabemos que a magia tem sido usada como uma categoria de exclusão na cultura ocidental, e que acadêmicos com suas definições simplistas, a-históricas não são exceção a esta regra, tudo o que precisamos saber sobre magia se resume a isso?

<sup>11</sup> A expressão corrente "polêmica antimágica" ("polemica antimagica") é usada por de Martino em sua *Magia e civiltà*, p. 6.

comportamentos e/ou práticas que eram consideradas inaceitáveis. Estas ideias, crenças, comportamentos e/ou práticas viriam, portanto, a ser identificados por uma única categoria de exclusão chamada "magia".

5.3. Criar esta categoria de exclusão foi uma parte essencial do processo pelo qual a cultura ocidental tem definido a sua identidade ao longo dos séculos. Ao excluir o que eles não querem ser ou fazer, os ocidentais têm definido, implicitamente e por contraste, o que eles querem ser ou fazer. Escolhas foram feitas, ao excluir certas coisas e aceitar outras, as quais deram à cultura ocidental sua forma específica, singular. Por esta razão entender a história da (noção de) magia oferece uma chave para entender a história da cultura ocidental como um todo.

5.4. A polêmica antimágica é certamente um padrão fundamental na história da magia, mas não é necessariamente o único. Outros padrões devem ser procurados e possivelmente identificados. Eles podem ser mais específicos e não aplicáveis à totalidade do desenvolvimento histórico da magia, mas eles são úteis, no entanto, para compreender certos aspectos dela. Um exemplo entre outros pode ser a comunicação com entidades não-humanas, a fim de obter conhecimento e/ou poder. Outro exemplo pode ser a manipulação de uma substância invisível, imaterial, a fim de alcançar efeitos materiais.

5.5. Definições antropológicas e sociológicas antigas de magia, por mais datadas e fora de moda que possam parecer hoje, ainda podem ser úteis para uma compreensão histórica da magia, porque elas podem nos ajudar a identificar novos padrões. Um exemplo pode ser a definição de James G. Frazer baseada na ideia de "magia simpática"<sup>12</sup>. O problema com essas definições tem sido que elas

---

<sup>12</sup> A referência aqui, claro, é a famosa definição de Frazer de "magia simpática" que pode ser encontrada no terceiro capítulo de seu *Golden Bough* (na edição Macmillan de 1922). Um levantamento útil de teorias acadêmicas de magia pode ser encontrado em *Religion and Magic. Approaches and Theories* (Nova York: New York University Press, 1999), de Graham Cunningham. Outros levantamentos importantes podem ser encontrados no clássico de Edward E. Evans-Pritchard, *Theories of Primitive Religion* (Oxford: Clarendon Press, 1965); e em *Magic, Science, Religion and the Scope of Rationality* (Cambridge: Cambridge University Press, 1990), de Stanley Jeyaraja Tambiah.

muitas vezes arbitrariamente fazem um desses padrões específicos um fator de discriminação absoluto para uma definição geral de magia. Ver também 8.5.

6. *Por esta razão, a fim de compreender a complexidade histórica da magia, é essencial estar ciente de seu aspecto duplo, talvez até mesmo dialético. A história da magia inclui, de fato, tanto atitudes "positivas" quanto "negativas". As primeiras pertencem a autores que propuseram um conceito positivo de "magia" como parte de uma representação de suas visões de mundo; as últimas pertencem a autores que condenaram a "magia" como perigosa, ilícita, ineficaz, ou absurda (em uma palavra: inaceitável).*

6.1. É óbvio que a magia, apesar de seu uso consistente como uma categoria de exclusão por parte de atores sociais dominantes, tem sido vista como uma categoria de autoidentificação positiva por muitas pessoas na história da cultura ocidental. Aquilo que foi percebido como inaceitável por alguns, tem sido visto não só como aceitável, mas mesmo como desejável, por outros. Aqueles que têm apoiado uma percepção positiva da magia, frequentemente colocaram-se em uma situação de tensão e conflito com o seu ambiente cultural e social.

6.2. Uma sólida história da magia deveria se concentrar em ambos os polos ideal-típicos. Estudos históricos populares de magia têm frequentemente focado apenas naqueles que têm se identificado positivamente com a magia<sup>13</sup>. No entanto, não se pode escrever uma história da magia onde os "magos" são os únicos protagonistas e onde as suas ideias não são contrastadas com o ambiente cultural em que eles têm operado. Aqueles que têm se oposto à magia (assim, também a conceituando) são tão importantes para um estudo histórico da magia quanto aqueles que a têm defendido ou têm alegado acreditar nela e praticá-la. Plínio, o Velho e Agostinho são tão importantes para a história da magia quanto Marsilio Ficino e Heinrich Cornelius Agrippa.

---

<sup>13</sup> Apenas um exemplo dos muitos que poderiam ser dados: Kurt Seligmann, *The History of Magic and the Occult* (Nova York: Harmony Books, 1975).



7. *A magia tem de ser considerada como um problema histórico que abrange a história da cultura ocidental como um todo e se estende desde as suas origens até aos nossos dias. Por esta razão, a magia tem que ser estudada e compreendida de preferência em toda a sua complexidade histórica, e não se concentrando apenas em períodos singulares.*

7.1. Este é um chamado para os especialistas em história da magia não permanecerem confinados em um determinado período histórico, mas para tentar estar familiarizados com os desenvolvimentos da magia em outros períodos também. O conhecimento de outros períodos às vezes pode lançar luz sobre aspectos do período em que a própria pesquisa se concentra.

7.2. Se é admitido que a busca de padrões e continuidades, e não apenas rupturas e diferenças, é um aspecto legítimo da investigação sobre magia, então torna-se claro por que é importante saber, pelo menos, as linhas gerais de desenvolvimentos em períodos que não pertencem ao nosso campo de especialização. Nenhum padrão pode emergir concentrando-se estreitamente em períodos particulares ou contextos locais.

8. *Estudar magia em culturas que não são ocidentais significa projetar um conceito ocidental em culturas que originalmente não o possuem.*

8.1. Este é uma dos ganhos mais importantes de uma abordagem desconstrucionista ao estudo de magia. A magia tem sido considerada por gerações de acadêmicos, trabalhando especialmente a partir de perspectivas antropológicas, etnológicas e sociológicas, como um elemento universal da cultura humana. No entanto, se alguém aceita os pontos acima, torna-se claro que a magia serviu para delimitar uma área específica dentro da cultura ocidental, a fim de identificar, isolar e muitas vezes reprimir, crenças, ideias, comportamentos e/ou práticas que foram percebidas como diferindo da norma. A função social deste processo tem a sua história específica na cultura ocidental, sendo assim, não pode ser transposta automaticamente para outras culturas. O que foi percebido na cultura ocidental como “perigoso”, “ilícito”, “desviante” e,

assim, definido como "magia", não foi necessariamente percebido da mesma maneira em outras culturas. Como consequência, o espaço conceitual particular que foi criado na cultura ocidental através da categoria de magia não necessariamente existe em outros lugares. Negar esse problema - ou ignorá-lo - leva facilmente à projeção deste espaço conceitual para culturas que não produziram este espaço autonomamente através da sua dinâmica cultural local. Esta é a fonte de discursos universalistas sobre magia<sup>14</sup>.

8.2. Não é uma única crença, ideia, prática e/ou comportamento que torna a magia específica à cultura ocidental, mas a maneira como todos esses elementos têm sido combinados em padrões específicos, a fim de cumprir uma função específica.

8.3. Se a magia não pode ser identificada apenas por certas crenças, ideias, práticas e/ou comportamentos (como em antigas definições antropológicas ou sociológicas), mas também pela sua função social ou ideológica no contexto específico de uma cultura particular, então torna-se claro porque a especificidade cultural da magia não pode ser facilmente renunciada em favor de aplicações universais.

8.4. Isso não significa, no entanto, que as crenças, ideias, práticas e/ou comportamentos associados com a magia na cultura ocidental não possam ser comparados com crenças, ideias, práticas e/ou comportamentos similares em outras culturas. Mas uma coisa é comparar esses diferentes elementos, outra é assumir que todas elas pertencem a uma única categoria. Combinar esses elementos juntos em maneiras que pertençam à conceituação ocidental de magia vai nos dizer mais sobre a nossa própria cultura do que sobre a cultura com a qual queremos compará-la. Este será, de fato, um ato de projeção.

8.5. Se a pretensão universalista de definições gerais de magia é abandonada, essas definições podem, com frequência, oferecer perspectivas

---

<sup>14</sup> Além dos já mencionados de Martino e Styers, um dos defensores mais significativos de uma abordagem "desconstrucionista" para a magia tem sido Jonathan Z. Smith. Ver, por exemplo, seu "*Trading Places*" na obra de Marvin Meyer e Paul Mirecki (org.), *Ancient Magic and Ritual Power* (Leiden/Nova York/Köln: E. J. Brill, 1995), p. 13-27.

interessantes sobre os padrões de desenvolvimento da magia na história da cultura ocidental. Ver também 5.5

*9. O estudo acadêmico de magia pode ser idealmente interdisciplinar, mas a sua fundação deve necessariamente ser histórica.*

9.1. A Antropologia, sociologia, psicologia e a ciência cognitiva podem nos ajudar a entender muitos aspectos das maneiras em que a magia tem se tornado uma presença tão significativa na cultura ocidental (ver, por exemplo, 5.4). Mas é a história que deveria estudar as maneiras pelas quais o conceito de magia tomou forma. Sem esta consciência histórica, nós sempre tenderemos a usar o conceito de magia como uma categoria facilmente definível, potencialmente universal, em vez desse produto de conflitos ideológicos culturalmente específicos que ainda estão à espreita por trás de nossas definições simplistas<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Tentativas recentes de reviver um discurso acadêmico sobre magia a partir de uma perspectiva antropológica mostram todas as fraquezas que derivam de uma problematização histórica insuficiente do conceito. Veja, por exemplo, a coleção de ensaios editados por Birgit Meyer e Peter Pels, *Magic and Modernity. Interfaces of Revelation and Concealment* (Stanford: Stanford University Press, 2003).